

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Onde estarei em dez anos?: temporalidades afro-diaspóricas e futuros imaginados entre estudantes africanos da UNILAB

Jhon Alfredo Pazmiño Huapaya

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17788>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ONDE ESTAREI EM DEZ ANOS?: TEMPORALIDADES AFRO-DIASPÓRICAS E FUTUROS IMAGINADOS ENTRE ETUDANTES AFRICANOS DA UNILAB

AUTOR 1, Jhon Alfredo Pazmiño Huapaya.

<https://orcid.org/0009-0006-1300-7596>.

[<alu0100747232@ull.edu.es>](mailto:alu0100747232@ull.edu.es)

Universidad de La Laguna, Santa Cruz de Tenerife, Canarias, España.

RESUMO:

“Onde estarei em dez anos?” foi a pergunta que encerrou 25 entrevistas em profundidade realizadas, entre outubro e novembro de 2024, com estudantes africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção, Ceará (Brasil). O artigo analisa como esses estudantes, procedentes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, elaboram futuros imaginados a partir da mobilidade estudantil Sul-Sul. Sustenta-se que o futuro não se apresenta como trajetória linear nem como decisão individual plenamente controlável, mas como campo de disputa entre o retorno, a permanência, a circulação transnacional, a formação acadêmica, os vínculos familiares e as condições políticas dos países de origem. Metodologicamente, articula observação participante e entrevistas em profundidade, cuja transcrição inicial, apoiada em inteligência artificial, foi revisada e contextualizada manualmente. A codificação temática identificou seis categorias analíticas não excludentes: retorno condicionado, permanência pragmática no Brasil, circulação transnacional, futuro acadêmico-profissional, futuro familiar e futuro aberto ou incerto. Os resultados mostram que o retorno raramente é imaginado como regresso imediato, associando-se à titulação, ao reconhecimento e à contribuição social; que a circulação internacional não implica necessariamente ruptura com o país de origem; e que a formação universitária amplia capacidades de aspiração sem garantir emprego, estabilidade ou reconhecimento. A UNILAB, instalada no município historicamente associado à abolição da escravidão, constitui espaço ambivalente que amplia possibilidades de futuro afro-diaspórico, sem assegurar sua realização. O artigo contribui para o debate sobre temporalidades africanas ao evidenciar regimes temporais plurais, situados e relacionais, produzidos fora do continente, mas inseparáveis dele.

Palavras-chave: temporalidades africanas, diáspora, mobilidade estudantil sul-sul, unilab, futuros imaginados.

“WHERE WILL I BE IN TEN YEARS?”: AFRO-DIASPORIC TEMPORALITIES AND IMAGINED FUTURES AMONG AFRICAN STUDENTS AT UNILAB

ABSTRACT:

“Where will you be in ten Years?” was the closing question in 25 in-depth interviews conducted, between October and November 2024, with African students at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), in Redenção, Ceará, Brazil. This article examines how these students from Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, and São Tomé and Príncipe, elaborate imagined futures from their experience of South-South student

mobility. It argues that the future does not appear as a linear trajectory or a fully controllable decision, but as a field of dispute among return, permanence, transnational circulation, academic training, family ties, and political condition in countries of origin. Methodologically, the research combines participant observation and in-depth interviews, whose initial transcription, supported by artificial intelligence, was manually reviewed and contextualized. Thematic coding identified six non-exclusive categories: conditioned return, pragmatic permanence in Brazil, transnational circulation, academic-professional future, family future, and open or uncertain future. Results show that return is rarely imagined as an immediate homecoming, being instead associated with obtaining a degree, recognition, and social contribution; that international circulation does not necessarily imply rupture with the country of origin; and that university education expands capacities to aspire without guaranteeing employment, stability, or recognition. UNILAB, located in a municipality historically associated with the abolition of slavery, constitutes and ambivalent space that expands possibilities for Afro-diasporic futures without ensuring their realization. The article contributes to the debate on African temporalities by revealing plural, situated, and relational temporal regimes produced outside the continent, yet inseparable from it.

Keywords: african temporalities, diáspora, south-south student mobility, unilab, imagined futures.

INTRODUÇÃO

“Onde estarás em dez anos?” foi a pergunta que encerrou 25 entrevistas em profundidade realizadas, entre outubro e novembro de 2024, com estudantes africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no estado do Ceará (Brasil). Longe de solicitar uma previsão individual ao um plano biográfico encerrado, a pergunta abriu narrativas sobre regresso, formação, trabalho, família, mobilidade, incerteza e responsabilidade coletiva. As respostas não desenham uma trajetória única. Algumas pessoas se imaginam de volta em seus países de origem; outras situam seu futuro no Brasil, na Europa, no Canadá ou nos Estados Unidos; outras finalmente, subordinam, e condicionam, qualquer projeção a oportunidades de emprego, a condições políticas, à situação de suas famílias ou à vontade divina. As respostas revelam que o futuro é menos uma meta definida do que um campo de possibilidades desigualmente acessíveis, porém imaginadas.

A UNILAB constitui um espaço privilegiado para interrogar esses futuros. Criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, e instalada em 2011, a universidade tem como missão formar recursos humanos para a integração entre o Brasil e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, além de promover o desenvolvimento

regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira [UNILAB], s.d.) Sua sede localiza-se em Redenção, município cearense associado à abolição da escravidão em 1883, e suas atividades desenvolvem-se no Ceará e Bahia. Essa localização inscreve a experiência universitária de estudantes africanos em um território atravessado por memórias de escravização, abolição, racialização e diáspora, sem que isso converta automaticamente a instituição em um espaço plenamente reparador ou integrador.

A mobilidade estudantil em direção à UNILAB inscreve-se em circuitos de cooperação Sul-Sul e abre possibilidades concretas de formação superior para jovens de países africanos de língua portuguesas. No entanto, a promessa institucional de integração convive com experiências de precariedade material, distâncias em relação aos centros urbanos, dificuldades de permanência, racialização e relações sociais que nem sempre se traduzem em integração efetiva. Estudos anteriores sobre a UNILAB assinalaram que, apesar da valorização de seu projeto de internacionalização, estudante procedentes de países africanos lusófonos identificam níveis frágeis de integração social, associados a preconceitos e a uma preparação institucional insuficiente para recebê-los (Cairns & França, 2020). As entrevistas aqui analisadas não se limitam a reproduzir essa dificuldade, mostram como, mesmo em condições de incerteza e desigualdade, os e as estudantes elaboram projetos de vida que conectam África, Brasil e outros espaços transnacionais.

Este artigo analisa as temporalidades produzidas por estudantes oriundos de diferentes contextos africanos em situação diaspórica. A expressão “temporalidades africanas” não é empregada para nomear uma experiência temporal lineal e homogênea, mas para examinar regimes temporais plurais elaborados por estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe a partir de suas trajetórias de mobilidade, formação e vida universitária. A abordagem dialoga com a crítica a perspectivas não coetâneas de eurocêntricas sobre a África, assim como com debates que situam africanidades e diásporas como campos de produção de conhecimento e de disputa pelo sentido do presente e do futuro (Müller & Araújo, 2020).

A pergunta que orienta o texto é: como estudantes africanos da UNILAB elaboram seus futuros imaginados a partir de uma experiência de mobilidade estudantil rumo ao Brasil, e quais temporalidades se expressam nas tensões entre retorno, permanência, circulação transnacional, formação, família e trabalho? Sustenta-se que o futuro não aparece, nessas narrativas, como sequência lineal nem como decisão individual plenamente controlável. Ao contrário, constrói-se como um campo de disputa entre projetos de retorno, possibilidades de permanência, aspirações de

mobilidade, responsabilidades familiares, condições políticas dos países de origem e expectativas de inserção e expectativas de inserção profissional. A UNILAB, nesse processo, não funciona apenas como instituição receptora: participa da produção de capacidades para imaginar futuros afro-diaspóricos, ainda que não garanta sua realização.

O artigo organiza-se em quatro seções. A primeira apresenta as ferramentas teóricas para pensar temporalidade, futuro e diáspora. A segunda situa a UNILAB em relação à mobilidade estudantil Sul-Sul e à memória histórica de Redenção. A terceira expõe o desenho etnográfico, o corpus e os procedimentos de análise. A quarta analisa as narrativas de futuro em torno de quatro eixos: o retorno como contribuição; a permanência e a circulação como estratégias condicionadas; a formação como promessa sem garantia; e a família como infraestrutura material e afetiva dos projetos de futuro.

1. TEMPORALIDADES, FUTURO E DIÁSPORA

Pensar o futuro com os estudantes africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) na UNILAB exige afastar-se da ideia de que o futuro constitui uma prolongação linear do presente ou o resultado previsível de decisões individuais. As narrativas produzidas nas entrevistas não apresentam o futuro como um itinerário previamente traçado, mas como um horizonte situado e, por isso, condicionado por trajetórias de formação, obrigações familiares, oportunidades de emprego, conjunturas políticas dos países de origem, experiências de racialização e vínculos construídos no Brasil. O futuro aparece, assim, como uma dimensão da experiência comunitária que se constrói, se disputa, se negocia e se recalcula no presente.

A distinção de Reinhart Koselleck entre espaço de experiência e horizonte de expectativa oferece uma ferramenta útil para esta investigação. As experiências remetem a passados que continuam ativos no presente, enquanto as expectativas relacionam-se com aquilo que se antecipa, se teme, se espera ou se deseja. Ambas as categorias se encontram entrelaçadas. As expectativas elaboram-se a partir de experiências acumuladas, e as experiências adquirem novos sentidos a partir dos horizontes de futuro que se abrem ou se fecham (Koselleck, 2004). Por isso, as respostas à pergunta “onde estarás em dez anos?” não são apenas declarações prospectivas. Nelas intervêm

experiências familiares, percursos educativos, desigualdades de gênero, memórias do colonialismo, projetos profissionais e condições materiais que delimitam o que pode ser imaginado como possível.

Essa perspectiva permite falar de regimes temporais plurais. O tempo da formação universitária não coincide necessariamente com o tempo da família, da inserção laboral, da espera migratória ou da conjuntura política dos países de origem. Para algumas pessoas entrevistadas, o retorno só aparece como viável depois de obter um mestrado ou um doutorado; para outras, depende de encontrar trabalho, alcançar estabilidade econômica ou de que mudem as condições políticas de sus países. Em outros casos, o futuro formula-se por meio de expressões como “se depender de mim”, “se aparecer uma oportunidade”, “se Deus quiser”, em sentido literal, ou “a vida apresenta muitas coisas no caminho”. Tais formulações mostram que o horizonte de expectativa é atravessado por elementos que excedem a vontade individual.

Arjun Appadurai propõe pensar o futuro como um fato cultural. As ideais sobre o futuro, assim como as ideias sobre o passado, encontram-se incorporadas e alimentadas culturalmente. Sua noção de “capacidade de aspirar” vincula cultura, voz e futuro, e permite observar que as possibilidades de formular aspirações estão desigualmente distribuídas segundo recursos, dignidade e posições sociais (Appadurai, 2013). Para as pessoas entrevistadas, a mobilidade rumo ao Brasil e o acesso à UNILAB aparecem como condições que ampliam certas capacidades de aspiração. Estudar gratuitamente, obter uma titulação internacional, seguir para um mestrado ou doutorado, conhecer trajetórias de outros países africanos e formar novas redes modificam os cenários a partir dos quais se imagina o porvir. Ainda assim, essa ampliação não equivale a uma garantia. A formação universitária aparece como recurso e condição de possibilidade, mas não assegura emprego, estabilidade, retorno nem reconhecimento.

Em algumas entrevistas, a possibilidade mesma de estar vivo aparece como condição prévia para imaginar qualquer futuro. Não se trata de uma categoria definida previamente no roteiro, mas de uma formulação que emerge nas narrativas e que obriga a ampliar a análise do planejamento em direção à vulnerabilidade, à incerteza e à contingência.

A referência à diáspora permite compreender que esses projetos não se reduzem a escolher entre permanecer no Brasil ou voltar ao país de origem. Gilroy (1993), ao questionar os marcos nacionais fechados em *The Black Atlantic*, propõe atender a circulações culturais, políticas e históricas que atravessam o mundo atlântico. Sem transpor automaticamente sua formulação ao caso de UNILAB, sua contribuição permite compreender que as trajetórias analisadas articulam

pertencimentos nacionais, experiências africanas, vínculos afetivos brasileiros e projeções para outros territórios. Quem se imagina no Canadá, em Portugal, na França, na Espanha ou nos Estados Unidos não necessariamente abandona os vínculos com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique o São Tomé e Príncipe. Ao mesmo tempo, quem projeta retornar nem sempre imagina uma volta imediata, definitiva o isenta de dificuldades. O retorno pode ser postergado, condicionado ou concebido como docência, pesquisa, ação política, contribuição econômica ou criação de oportunidades.

O artigo utiliza, por isso, a expressão “temporalidades africanas” no plural. Não designa uma experiência temporal homogênea, mas regimes temporais elaborados por pessoas procedentes dos PALOP, em um lugar e um momento determinados: a UNILAB no Ceará durante o trabalho de campo de 2024. Essa delimitação questiona as imagens que situam a África como espaço homogêneo, imóvel ou externo à contemporaneidade. Müller e Araújo (2020) mostram como os debates sobre coetaneidade, pós-colonialidade, africanidades e diásporas questionam referências eurocêntricas nos estudos africanos.

De forma complementar, Mbembe (2017) permite situar que as categorias “africano”, “negro”, “preto”, e “internacional” adquirem sentidos particulares em contextos de mobilidade e racialização. Nas entrevistas, essas denominações participam de processos de identificação, diferenciação e projeção de futuro. A análise não parte, por tanto, de uma oposição entre uma África atrasada e um Brasil moderno, nem considera a chegada ao Brasil como trânsito automático para um futuro superior. As pessoas colaboradoras comparam experiências, questionam estereótipos sobre a África e o Brasil e elaboram avaliações críticas sobre formação, integração, permanência e vida cotidiana.

A questão que se coloca, então, é apenas qual futuro imaginam os e as estudantes, mas quais condições materiais, afetivas, políticas e diaspóricas tornam possível que determinados futuros sejam formulados como desejáveis.

2. UNILAB, REDENÇÃO E MOBILIDADE ESTUDANTIL SUL-SUL

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) foi criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, como uma instituição federal de ensino superior

vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Seu projeto institucional fundamenta-se na cooperação solidária entre os povos, na internacionalização e na interiorização do ensino superior, com missão explícita de formar recursos humanos que contribuam para a integração entre o Brasil e os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com especial ênfase nos países africanos. A instituição desenvolve suas atividades acadêmicas e administrativas no Ceará e na Bahia. No Ceará mantém suas unidades acadêmicas nos municípios de Redenção e Acarape, enquanto na Bahia conta com o Campus dos Malês, em São Francisco do Conde.

A localização da instituição em Redenção é historicamente significativa. O município, então denominado Vila de Acarape, registrou a libertação das últimas 116 pessoas escravizadas de seu território em 1º de janeiro de 1883, segundo fontes históricas e oficiais. Posteriormente, a província do Ceará aboliu a escravidão em 25 de março de 1884, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. A memória de Acarape/Redenção vincula-se, por tanto, a uma narrativa histórica de pioneirismo abolicionista, embora essa narrativa não possa ser lida à margem das desigualdades raciais e sociais que persistem no Brasil. Cabe destacar que a UNILAB é uma universidade do interior, distante da imagem do Brasil urbano, moderno e mediático difundida pelas telenovelas da Rede Globo, que fazia parte dos imaginários de algumas pessoas africanas antes de sua chegada.

A criação da UNILAB em 2010, 127 anos depois da libertação das pessoas escravizadas da então Vila de Acarape, estabelece uma proximidade temporal e territorial entre a memória abolicionista e a formação contemporânea de estudantes africanos, brasileiros, indígenas, quilombolas e de outros grupos presentes na comunidade universitária. Essa proximidade não produz, por si mesma, uma reparação histórica nem garante relações igualitárias dentro ou fora da instituição. No entanto, permite pensar a universidade como espaço em que se encontram histórias de escravidão, colonialismo, mobilidade, educação pública e projetos de futuro. Neste trabalho utiliza-se a expressão justiça genealógica como categoria interpretativa para assinalar a relação entre a memória histórica de Redenção, a presença de estudantes africanos na cidade e a possibilidade de imaginar futuros vinculados à África, ao Brasil e à diáspora. A categoria não descreve um processo de reparação já consumado; nomeia uma interrogação sobre as dívidas históricas, as continuidades coloniais e as possibilidades de reconfiguração abertas pela experiência universitária.

A UNILAB insere-se em um circuito de mobilidade estudantil Sul-Sul que deslocaliza, embora não substitua, os percursos tradicionais de formação entre o Sul global e os países do Norte.

Milani et al. (2016) mostram que a cooperação educacional entre o Brasil e os PALOP deve ser compreendida como parte de uma articulação mais ampla entre política externa, cooperação internacional, ensino superior e relações históricas da lusofonia. Entre 2005 e 2010, o Brasil investiu 174.292.638 dólares em bolsas destinadas a estudantes procedentes dos PALOP (Milani et al. 2016). Este investimento contribuiu para ampliar as possibilidades de acesso ao ensino superior fora dos países de origem e para consolidar o Brasil como destino alternativo dentro da mobilidade acadêmica internacional.

Em 2024, a UNILAB registrava 4.438 estudantes efetivamente matriculados em programas de graduação e 445 em programas de pós-graduação *stricto sensu*, distribuídos entre suas unidades do Ceará e da Bahia. O relatório institucional também registrava 1.465 estudantes internacionais matriculados em cursos de graduação presenciais e a distância, frente a 3.060 estudantes brasileiros. O crescimento da demanda internacional é visível nas inscrições do processo Seletivo de Estudantes Internacionais, que alcançam 7.856 no período 2021-2022 e 16.913 em 2024. Como se trata de períodos de referência distintos, esses dados são utilizados apenas como indício de expansão da demanda, e não como comparação homogênea de crescimento anual (UNILAB, 2025)

A formação gratuita e a possibilidade de acessar uma titulação universitária internacional constituem elementos centrais nas narrativas coletadas. Várias pessoas entrevistadas descrevem sua chegada à UNILAB como uma oportunidade que dificilmente teriam podido financiar em seus países de origem. No entanto, a oportunidade não elimina as desigualdades que acompanham a experiência de mobilidade. O próprio Relatório de Gestão 2024 reconhece que as restrições orçamentais afetam o funcionamento de serviços essenciais, entre eles o restaurante universitário, a energia, a água, a limpeza, a segurança, a manutenção de edifícios e as atividades acadêmicas (UNILAB, 2025). Nas entrevistas, essa dimensão aparece em referências ao custo da moradia, à necessidade de compartilhar casa, à insuficiência de auxílios econômicos, às dificuldades de deslocamento e à distância entre a cidade universitária e Fortaleza, a capital.

A pesquisa de Cairns e França (2020), baseada em entrevistas realizadas na UNILAB em 2018, mostrou que estudantes procedentes de países africanos lusófonos valorizam a internacionalização da universidade, mas identificavam dificuldades relevantes para a integração social. Os autores apontam problemas vinculados a preconceitos na comunidade local e a uma preparação institucional insuficiente para responder às necessidades de estudantes internacionais. O presente estudo não busca medir novamente a integração nem reproduzir esses resultados: parte de

um problema diferente: compreender como, neste contexto institucional e cotidiano, as pessoas entrevistadas imaginam seus futuros.

A UNILAB deve ser entendida, por tanto, como uma instituição ambivalente. Para as pessoas colaboradoras, constitui uma porta concreta de acesso ao ensino superior, a novas redes afetivas e profissionais e a horizontes de mobilidade antes difíceis de imaginar. Ao mesmo tempo, a universidade e seu entorno aparecem atravessados limites materiais, experiências de racialização, desigualdades de permanência e tensões em relação à integração proclamada institucionalmente. É precisamente nessa coexistência entre oportunidades e carências que se produzem os futuros afro-diaspóricos que o artigo analisa.

3. ETNOGRAFÍA, COLABORAÇÃO E ANÁLISIS DAS NARRATIVAS DE FUTURO

A investigação inscreve-se em uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, desenvolvida durante uma estada de campo na UNILAB entre agosto e novembro de 2024. O trabalho de campo combinou observação participante, convivência cotidiana no ambiente universitário, participação em atividades de socialização e entrevistas em profundidade com estudantes africanos matriculados. A observação antecedeu a elaboração do roteiro de entrevistas e permitiu identificar temas recorrentes nas conversas cotidianas, como a experiência de chegada, a relação com estudantes brasileiros e de outras nacionalidades africanas, a moradia, o acesso a serviços, a formação, as identidades, a família, as expectativas de retorno e as projeções de futuro.

O corpus analisado é composto por 25 entrevistas em profundidade realizadas entre o 23 de outubro e o 14 de novembro de 2024. As pessoas colaboradoras procedem de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e são Tomé e Príncipe. A seleção não respondeu a critérios de representatividade estadística, mas a uma estratégia de contatos iniciais nos cursos de Antropologia e humanidades, ampliada posteriormente por meio de amostragem em bola de neve. Os critérios de inclusão foram: identificar-se como pessoa africana; estar matriculado ou matriculada na UNILAB; e dispor de trinta a quarenta e cinco minutos para a entrevista. A amostra foi composta por 15 homens e 10 mulheres, segundo categorias autodeclaradas. A idade média foi de 24 anos, e o tempo médio de estada no Brasil, calculando a partir da informação fornecida nas entrevistas, foi de 2,9 anos, sendo 3 meses o menor dado registrado e 9 anos o maior.

Tabela 1. Perfil das pessoas colaboradoras por país de origem, gênero e tempo médio de residência no Brasil

País de origem	Homens	Mulheres	Tempo médio de residência no Brasil
Angola	4	4	2,1 anos
Cabo Verde	1	1	1,5 anos
Guiné-Bissau	7	4	3,4 anos
Moçambique	2	0	1,0 ano
São Tomé e Príncipe	1	1	5,0 anos
Total	15	10	2,9 anos

Fonte: elaboração própria a partir de 25 entrevistas em profundidade realizadas na UNILAB.

As entrevistas foram realizadas em português e gravadas em áudio mediante consentimento informado assinado e datado por cada pessoa colaboradora. O consentimento autoriza a gravação, o tratamento, a análise e publicação dos dados em meios acadêmicos impressos e digitais, incluindo produtos derivados da pesquisa e publicações futuras. A transcrição inicial foi produzida com apoio da plataforma TurboScribe.ai e foi posteriormente revisada, com aplicação manual da pontuação ortográfica correta. Este processo incorporou registros de comunicação não verbal anotados no caderno de campo que excediam o dispositivo de gravação e áudio e permitiu distinguir sistematicamente as perguntas do entrevistador das respostas das pessoas entrevistadas. Sempre que possível, foram preservadas as formas linguísticas originais, incluindo modulações próprias das variedades de português dos estudantes procedentes de diferentes países e em algumas ocasiões, palavras ou expressões em crioulo, quimbundo, changana, entre outras línguas mencionadas durante as entrevistas.

A investigação desenvolveu-se a partir de uma perspectiva reflexiva, entendida não como exercício individual separado do campo, mas como prática de revisão contínua das condições de produção de conhecimento. A estada posterior do investigador na UNILAB e em seu entorno

durante 2025 e 2026 não gerou um segundo corpus de entrevistas nem constitui um acompanhamento longitudinal sistemático das 25 trajetórias. Sua função neste artigo é estritamente reflexiva: permitiu reler o material de 2024 a partir de um conhecimento mais amplo do território, das dinâmicas universitárias e das condições cotidianas de vida de estudantes africanos. Por isso, os resultados empíricos apresentados fundamentam-se exclusivamente nas entrevistas realizadas em 2024.

A análise concentrou-se na pergunta-guia que encerrava as entrevistas e que, em geral, formulava-se como “onde estarás em dez anos?” ou situava-se no ano de 2034. A pergunta funcionou como dispositivo narrativo, não como pergunta fechada nem como escala prospectiva. Embora o horizonte temporal pudesse variar levemente no desenvolvimento de algumas conversas, a intenção foi sempre convidar as pessoas entrevistadas a se projetarem em um futuro possível e a explicar as condições que tornariam esse futuro viável, desejável ou incerto. As perguntas de aprofundamento permitiram investigar a atividade projetada, o lugar imaginado, as condições de retorno ou permanência, a família, o trabalho, a formação e os vínculos com o país de origem.

As 25 respostas foram organizadas em uma matriz analítica que incluiu: código de entrevista, país de origem, gênero, idade, tempo de residência no Brasil, lugar imaginado, atividade projetada, condições expressas para a realização do futuro, categoria principal e categorias associadas. A codificação temática identificou seis categorias principais: retorno condicionado; permanência pragmática no Brasil; circulação transnacional; futuro acadêmico-profissional; futuro familiar; e futuro aberto ou incerto. Essas categorias não foram tratadas como excludentes. Uma mesma narrativa poderia acicular, por exemplo, retorno a Angola, continuidade dos estudos, exercício profissional, maternidade, trabalho no Brasil ou mobilidade para terceiros países. A finalidade da matriz não foi produzir uma tipologia rígida nem quantificar representativamente os projetos de estudantes africanos, mas reconhecer recorrências, contrastes e combinações internas ao corpus.

Para apresentação dos resultados, serão utilizados códigos alfanuméricos, de E01 a E25. Essa decisão preserva a confidencialidade das pessoas colaboradoras, embora algumas tenham manifestado durante as entrevistas sua vontade de aparecer nominalmente e expressado interesse em que suas vozes fossem reconhecidas publicamente. A anonimização, por tanto, não é entendida como uma solução ética neutra: protege contra a exposição e a identificação indireta, mais também, pode apagar trajetórias, vozes e formas de autoria que algumas pessoas desejam tornar visíveis. Em vez de

resolver essa tensão mediante uma oposição simples entre anonimato e identificação, o artigo adota códigos para a publicação e reconhece a dimensão epistemológica dessa decisão.

Por fim, a investigação não pretende falar em nome de “os estudantes africanos” como um conjunto homogêneo. As 25 entrevistas reúnem pessoas de cinco países, distintas trajetórias familiares, experiências migratórias, identidades religiosas, idades, gêneros, condições econômicas e projetos de vida. O valor do corpus reside, precisamente, em permitir observar como, a partir de uma experiência compartilhada de mobilidade rumo à UNILAB, elaboram-se regimes temporais diversos e, pro vezes, contraditórios. A análise orienta-se a compreender essas diferenças e recorrências, não as converter em uma representação totalizante da África, dos PALOP ou da diáspora africana no Brasil.

4. FUTUROS AFRO-DIASPÓRICOS EM DISPUTA

A codificação temática das 25 entrevistas permitiu identificar uma recorrência de projetos de retorno condicionado, permanência pragmática no Brasil, circulação transnacional, continuidade acadêmico-profissional, constituição familiar e futuros abertos ou incertos. Essas categorias não descrevem trajetórias fechadas nem constituem tipos excludentes. Pelo contrário, as narrativas costumam combinar retorno e mobilidade, família e carreira, desejo individual e obrigação coletivas, previsão e contingência. A pergunta sobre o futuro não produziu, por tanto, um mapa de destinos definitivos, mas uma cartografia de possibilidades situadas.

As pessoas entrevistadas imaginam o futuro a partir de uma experiência de mobilidade que já transformou seus horizontes de vida. Para uma parte importante do corpus, chegar ao Brasil e estudar na UNILAB constitui em si mesmo, a realização parcial de um projeto que antes parecia improvável. No entanto, a formação universitária não resolve a incerteza, mas abre novas expectativas embora também introduza decisões sobre onde trabalhar, como sustentar a família, quando regressar, onde continuar estudando e quais vínculos preservar. Nas narrativas, o futuro não aparece como um ponto distante e abstrato, mas como uma negociação contínua entre os que se deseja, o que se pode fazer e aquilo que depende de condições que excedem cada pessoa.

4.1. Retornar para contribuir

O retorno constitui um dos horizontes mais recorrentes nas entrevistas, mas não pode ser entendido como uma volta simples ao país de origem. Em diversas narrativas, retornar implica voltar com uma titulação, com experiência, com recursos econômicos, com capacidade de intervir em uma instituição, com uma família constituída ou com um projeto de contribuição social. O retorno é imaginado como uma forma de retribuição à família, à comunidade, ao país e, em alguns relatos, ao continente africano.

E01, estudante guineense com sete anos de experiência universitária no Brasil, coloca que seu futuro desejado situa-se na Guiné-Bissau após concluir um doutorado. Não descarta aceitar uma oportunidade de trabalho no Brasil, mas atribui um valor específico ao reconhecimento em seu país: “Mas eu trabalhar na minha terra, com certeza que serei mais valorizado, mais respeitado. E vou sofrer menos em relação ao preconceito, menos racismo, como homem negro africano”. (E01, homem, Guiné-Bissau, 32 anos). Para ele, o retorno não implica rejeitar completamente a diáspora, pois reconhece as redes afetivas construídas no Brasil. No entanto, vincula-se à possibilidade de trabalhar “por nós e para nós”, em um lugar onde não precisaria explicar constantemente quem é.

Na narrativa de E07, também guineense, o retorno aparece associado de maneira explícita a uma dívida familiar. Sua chegada ao Brasil foi possível graças ao esforço econômico de sua família e, por isso, define-se como um “imigrante estudante” que permanecerá no Brasil por um tempo determinado antes de regressar: “eu tenho que voltar para recompensar aquilo que a família gastou para me ajudar” (E07, homem, Guiné-Bissau, 29 anos). O retorno não é apenas uma decisão pessoal, mas uma obrigação moral ligada à reciprocidade e à manutenção de relações familiares transnacionais.

Para outras pessoas colaboradoras, voltar está vinculado a projetos de transformação social. E05 afirma que quer estar na Guiné-Bissau e criar uma associação que defenda os direitos das mulheres, especialmente diante de situações de desigualdade e violência no acesso ao trabalho: “Minha primeira tese é criar uma associação que defenda os direitos das mulheres” (E05, mulher, Guiné-Bissau, 21 anos). E11, por sua vez, projeta finalizar sua formação, trabalhar como docente ou pesquisadora e contribuir “na construção” de Angola. Seu futuro inclui também maternidades, matrimônio e ativismo social, mostrando que o retorno e a intervenção pública não são pensados à margem da vida familiar.

Essas narrativas mostram que a figura do retorno não poder ser reduzida a uma nostalgia do lar nem a uma resposta automática à mobilidade. O retorno é projetado como um futuro qualificado,

já que requer formação, condições materiais, reconhecimento, estabilidade, e possibilidades de ação. Em alguns casos, além disso, está condicionado pela situação política dos países de origem. E10 expressa essa condicionalidade com clareza: “se eu encontrar trabalho aqui, acho que vou ficar trabalhando. Quero voltar, se o regime melhora” (E10, Mulher, Guiné-Bissau, 20 anos). A formulação articula três temporalidades: o tempo da formação, o tempo das oportunidades laborais no Brasil e o tempo político de Guiné-Bissau.

4.2. Permanecer, circular, recalcular

As narrativas não se organizam apenas em torno do retorno. Para várias pessoas, o Brasil constitui uma plataforma de formação e de experiência a partir da qual projetar trajetórias para outros países. Canadá, França, Espanha, Portugal, Estados Unidos e outros lugares europeus aparecem como horizontes profissionais, acadêmicos ou familiares. Cabe destacar que essa circulação internacional não passa, em nenhum dos casos, por nenhum país do Sul global além do próprio Brasil, onde se encontram; o mesmo raciocínio se aplica quando o objetivo é regressar ao país de origem para trabalhar, e não para se formar. A Circulação internacional não expressa necessariamente desapego em relação ao país de origem, em muitos casos, é imaginada como estratégia para ampliar recursos, formações, experiências e redes.

E06 imagina que, em 2034, poderia estar no Canadá, trabalhando e formando uma família. No entanto, seu projeto não supõe abandonar Angola: “Mesmo estando em Canadá, eu estarei sempre a fazer algumas planificações de quando é que eu tenho que ir para lá. Quanto tempo e quando é que eu tenho que voltar” (E06, mulher, Angola, 28 anos). A narração combina mobilidade, planejamento de visitas e manutenção do vínculo familiar. O futuro não se organiza mediante uma ruptura entre origem e destino, mas por meio de uma circulação que inclui partidas, regressos e conexões permanentes.

E03, estudante moçambicano, situa seu futuro em Quebec, Canadá, onde pretende realizar um mestrado e desenvolver sua vida profissional. Sua resposta é uma das mais definidas em termos de destino, mas inscreve-se em uma trajetória já atravessada por oportunidades de formação internacional e por sua experiência anterior como técnico de farmácia em Moçambique. Em sentido distinto, E20 considera mais provável estar na França, na Espanha ou em outro país europeu do que

no Brasil ou em Angola. Ambas as narrativas mostram que a mobilidade Sul-Sul rumo ao Brasil não elimina o atrativo de outros destinos nem fixa a trajetória posterior das pessoas estudantes.

E19 imagina uma mobilidade ainda mais complexa. Projetar-se trabalhando nos Estados Unidos, mas mantendo o Brasil como lugar de retorno e pertencimentos. Afirma que deseja obter documentação brasileira e que sua permanência nos Estados Unidos não seria definitiva: “Eu quero estar nos Estados Unidos trabalhando e chegando aqui no Brasil, em casa” (E19, mulher, Guiné-Bissau, 31 anos). Neste caso, o Brasil deixa de ser apenas o país de acolhimento universitário e passa a fazer parte de uma geografia afetiva e prática de mobilidade.

A Permanência no Brasil também pode ser uma possibilidade pragmática, vinculada a trabalho, estudos ou vínculos familiares. E14, estudante cabo-verdiano que vive no Brasil há oito anos, afirma que a decisão de ficar ou regressar já não depende unicamente de suas preferências pessoais. A existência de filhos e de uma família no Brasil reorganiza seu horizonte: “Quando tem a família já, a gente tem que pensar neles, e não só em mim” (E14, homem, Cabo Verde, 31 anos). Neste caso, a permanência não é apenas uma opção migratória, mas uma responsabilidade de cuidado.

4.3. Formar-se sem garantia de futuro

A formação universitária aparece como um dos elementos mais constantes. No conjunto das 25 entrevistas aparecem expectativas de concluir a graduação, realizar um mestrado ou um doutorado, acessar a docência, desenvolver pesquisa, empreender, ingressar no mercado de trabalho ou ocupar espaços de intervenção política. No entanto, a titulação não se apresenta como garantia de emprego, de retorno, de estabilidade econômica nem de reconhecimento social. A universidade amplia horizontes, mas não elimina os limites estruturais que condicionam as trajetórias.

E17 coloca eu seu projeto consiste em regressar à Guiné-Bissau, mas somente depois de alcançar, no mínimo, um mestrado: “eu vou voltar com, no mínimo, mestrado”. Explica que retornar apenas com uma licenciatura pode significar tornar-se “mais um” diante do que ele descreve como um cenário marcado pelo desemprego, razão pela qual a acumulação de formação se torna uma estratégia de diferenciação e sobrevivência profissional (E17, homem, Guiné-Bissau, 28 anos). De forma semelhante, E12 projeta concluir doutorado para regressar e contribuir com seu país a partir da Antropologia, formação que considera pouco disponível na Guiné-Bissau.

Em outras narrativas, a formação articula-se com expectativa de emprego público, empreendedorismo ou atuação profissional autônoma. E08 imagina-se de volta em Angola após um período de formação e organização fora do país; deseja cursar um mestrado em Finanças, trabalhar no Ministério das Finanças e abrir uma consultoria. E18 imagina tornar-se arquiteta e, por meio de sua profissão, construir a Guiné-Bissau. E13 projeta-se no empreendedorismo, não como acumulação de dinheiro, mas como possibilidade de inspirar e criar oportunidades para outras pessoas em São Tomé e Príncipe.

A formação é, portanto, uma promessa que deve ser lida em duas direções, por um lado, constitui uma oportunidade que muitas pessoas entrevistadas consideram dificilmente alcançável sem a UNILAB. Por outro, exige tempo, recursos, capacidade de permanência e decisões sucessivas sobre o lugar onde estudar e trabalhar. O futuro universitário não se limita à obtenção do diploma: implica sustentar aluguéis, alimentação, transporte, redes de cuidado, trajetórias familiares e expectativas laborais. Nesse sentido, a titulação funciona como uma condição que possibilita o futuro, mas não como garantia de um futuro imediatamente realizável.

4.4. Família, cuidado e futuro coletivo

Nas narrativas analisadas, o futuro raramente se formula em primeira pessoa d singular. A família aparece como condição da mobilidade, motivo do retorno, horizonte de cuidado e dimensão central das definições de sucesso profissional e pessoal. A mobilidade estudantil organiza-se em muitos casos, a partir de redes familiares que financiam, acompanham, esperam, apoiam ou condicionam os deslocamentos. Por sua vez, o futuro é imaginado como possibilidade de retribuir esse apoio e de oferecer melhores condições de vida às gerações futuras.

E11 imagina-se como docente, pesquisadora, ativista social, esposa e mãe. Sua projeção não estabelece uma oposição entre vida profissional e familiar, mas as articula em um mesmo horizonte de contribuição a Angola. E18 também vincula seu futuro a uma família organizada, três filhos e uma trajetória profissional como arquiteta, associando seu trabalho à construção da Guiné-Bissau. A maternidade, nesses casos, não aparece como um destino que substitui a formação, mas com uma dimensão que se entrecruza com o estudo, o trabalho e a ação social.

E21 imagina-se no Brasil, com um filho, em paz e com capacidade de alcançar estabilidade econômica. Sua aspiração de “ser rica” vincula-se ao desejo de oferecer melhores condições à sua

mãe e à sua irmã, e não apenas a um projeto individual de prestígio. E25, por sua vez, imagina seu futuro junto ao marido, aos filhos, ao trabalho, à pesquisa e à atividade como modelo, mas reconhece que a realização desses projetos depende de condições que não controla completamente: “Você faz plano e Deus também faz outro plano” (E25, mulher, Guiné-Bissau, 26 anos).

Essas formulações permitem compreender que a incerteza não equivale a uma ausência de aspirações. O futuro aberto pode conter projetos muitos concretos -um mestrado, uma casa, filhos, um emprego, uma empresa, uma associação ou uma carreira política-, mas sua realização depende de recursos, conjunturas e vínculos que não estão inteiramente sob controle individual. A referência a Deus, à vida, à saúde ou à oportunidades disponíveis expressa uma consciência de contingência que acompanha as aspirações. Em algumas entrevistas, até a possibilidade de manter-se vivo aparece como condição prévia para imaginar qualquer futuro.

A pergunta sobre o futuro, finalmente, não permite classificar as pessoas entrevistadas entre as que retornarão e as que permanecerão. Permite observar futuros relacionais e em movimento, construídos entre países, famílias, instituições, trabalhos, afetos e memórias. Os regimes temporais elaborados na UNILAB mostram que o futuro afro-diasporico não é um destino único nem uma promessa linear de mobilidade social. É uma prática de imaginação situada, atravessada pela incerteza e sustentada por projetos de formação, cuidado, reconhecimento e contribuição coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as narrativas de futuro produzidas por 25 estudantes africanos da UNILAB a partir de uma pergunta aparentemente simples: “onde estarás em dez anos?”. A resposta a essa pergunta não pode ser reduzida a um inventário de destinos desejados. As entrevistas mostram que o futuro se elabora como um campo de negociação entre experiências de mobilidade, condições materiais de permanência, vínculos familiares, expectativas de formação, conjunturas políticas, projetos de trabalho e formas de pertencimento que articulam África, Brasil e outros territórios.

O retorno aparece como um dos horizontes mais recorrentes do corpus, embora raramente de formule como uma volta imediata ou definitiva. Para muitas pessoas colaboradoras, voltar implica regressar com uma titulação, experiência profissional, recursos econômicos, capacidade de contribuir com o país de origem ou de criar oportunidades para outras pessoas. O retorno associa-se a

reconhecimento, responsabilidade familiar, ação social, docência, pesquisa, empreendedorismo, e participação política. Ao mesmo tempo, costuma estar condicionado pela estabilidade política, pelas oportunidades de trabalho, pela possibilidade de continuar os estudos e pelas condições de vida disponíveis nos países de origem.

A permanência no Brasil e a circulação para Canadá, estados Unidos, Portugal, França, Espanha ou outros destinos não constituem necessariamente alternativas opostas ao retorno. Em diversas narrativas, o Brasil aparece como plataforma de formação, espaço de vínculos afetivos, lugar de trabalho possível ou segunda casa. Os projetos de mobilidade internacional tampouco eliminam a relação com o país de origem: podem incluir visitas, apoio econômico, retorno posterior, contribuição profissional ou participação em redes familiares e comunitárias transnacionais. A experiência diaspórica configura-se, assim, menos como uma ruptura definitiva do que como uma reorganização das escalas de pertencimento e dos horizontes de ação.

A formação universitária ocupa um lugar central nesses futuros imaginados. A UNILAB amplia possibilidades de aspiração para pessoas que, em muitos casos, não teria podido financiar uma educação superior fora de sus países de origem. No, entanto, a titulação não garante emprego, estabilidade econômica, reconhecimento social nem retorno. A experiência universitária é atravessada por custos de moradia, apoio familiar, precariedades de permanência, redes de cuidado e decisões sobre onde continuar estudando ou trabalhando. Nesse sentido, a universidade constitui uma condição de possibilidade para o futuro, mas não uma garantia de sua realização.

A análise também mostra que o futuro se formula a partir de relações familiares e coletivas. Mães, pais, irmãos, parceiros, filhos, amigas e comunidades de origem intervêm nas decisões de mobilidade e nas formas de definir uma vida bem-sucedida, estável ou digna. A constituição de uma família, a expectativa de cuidado, a obrigação de retribuir esforços familiares e o desejo de oferecer melhores condições às gerações posteriores estruturam grande parte das projeções coletadas. Os futuros imaginados não pertencem exclusivamente a indivíduos isolados; são futuros compartilhados, sustentados e condicionados por redes de afeto, reciprocidade e responsabilidade.

A contribuição desde trabalho para o debate sobre temporalidades africanas consiste em mostrar que as experiências de estudantes africanos no Brasil permitem observar regimes temporais plurais produzidos fora do continente, mas inseparáveis dele. O caso da UNILAB evidencia que as temporalidades africanas não devem ser pensadas como exteriores à contemporaneidade nem como opostas a uma suposta modernidade brasileira. Constituem-se na circulação, na formação, nas

desigualdades, nas memórias de colonialismo e escravização, nas redes diaspóricas e na imaginação de futuros ainda incertos.

A pergunta “onde estarás em dez anos?” permanece aberta. Sua potência etnográfica reside precisamente em não exigir respostas definitivas. Permite perguntar como as pessoas colaboradoras articulam desejo, contingência e agência em um presente marcado por mobilidade, incerteza e desigualdade. Retomar essa pergunta em 2034 não apenas permitiria constatar expectativas e trajetórias; permitiria observar como mudam, se sustentam ou se reformulam os futuros afro-diaspóricos que hoje se produzem na UNILAB e como essas mudanças reconfiguram seus regimes temporais.

MATERIAIS SUPLEMENTARES

A matriz analítica completa elaborada a partir das 25 entrevistas inclui código alfanumérico, país de origem, idade, tempo de residência no Brasil, lugar imaginado, atividade projetada, condições expressas para a realização do futuro, categoria principal e categoria associadas. Essa matriz é conservada sob a guarda do autor e não é publicada como arquivo aberto devido ao risco de identificação indireta derivado da combinação de variáveis biográficas, trajetórias acadêmicas e fragmentos narrativos.

As transcrições completas, os áudios originais, os consentimentos informados e o caderno de campo também não estão disponíveis publicamente. O acesso a esses materiais é restrito para preservar a confidencialidade das pessoas colaboradoras e as condições éticas da pesquisa. O artigo apresenta trechos anonimizados por meio dos códigos E01 – E25 e uma tabela agregada sobre a composição do corpus.

A transcrição inicial das entrevistas foi realizada com apoio do Turboscribe.ai e posteriormente revisada, pontuada e contextualizada manualmente pelo autor a partir das notas de campo.

REFERÊNCIAS

Appadurai, A. (2013). *The future as cultural fact: Essays on the global condition*. Verso.

Cairns, D., & França, T. (2020). South-South student migration: Socially integrating students from Portuguese-speaking Africa at UNILAB, Brazil. *Globalisation, Societies and Education*, 18(5), 578–588. <https://doi.org/10.1080/14767724.2020.1805301>

Gilroy, P. (1993). *The Black Atlantic: Modernity and double consciousness*. Harvard University Press.

Koselleck, R. (2004). *Futures past: On the semantics of historical time* (K. Tribe, Trad.). Columbia University Press.

Mbembe, A. (2017). *Critique of black reason*. Duke University Press.

Milani, C. R. S., Conceição, F. C. da, & M'Bunde, T. S. (2016). Cooperação Sul-Sul em educação e relações Brasil-PALOP. *Caderno CRH*, 29(76), 13–32. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792016000100002>

Müller, P. R., & Araújo, M. A. M. de. (2020). Apresentação do dossiê: Coetaneidade, pós-colonialidade, diáspora(s) e africanidade(s): Caminhos dos estudos africanos no Brasil. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 25(1), 10–22. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n1p10>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. (2025). *Relatório de gestão 2024*. https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2025/03/Relatorio-de-Gestao-2024_v4.pdf

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. (s. d.). *Sobre a Unilab*. Recuperado em 29 de agosto de 2026, de <https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/>

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público, devido ao caráter sensível do material etnográfico, à proteção da confidencialidade das pessoas colaboradoras e ao risco de identificação indireta derivado da combinação de dados biográficos e narrativos.

DECLARAÇÃO SOBRE APROVAÇÃO ÉTICA

O presente estudo não contou com aprovação prévia de um Comitê de Ética institucional, uma vez que a normativa vigente na Universidad de La Laguna no momento da realização do trabalho de campo (agosto-novembro de 2024) não exigia tal submissão para investigações etnográficas dessa natureza, desenvolvidas no âmbito de uma estada de práticas internacionais de cooperação universitária. Não obstante, a pesquisa ajustou-se aos princípios éticos gerais aplicáveis à investigação social com seres humanos: cada pessoa colaboradora assinou um consentimento informado, datado individualmente, no qual eram explicados os objetivos do estudo, o caráter

voluntário da participação, o direito de interromper a entrevista em qualquer momento e o uso previsto dos dados, incluindo sua publicação em meios acadêmicos impressos e digitais. Os dados foram tratados com anonimização mediante códigos alfanuméricos (E01–E25), e o acesso às transcrições completas, aos áudios e aos consentimentos informados permanece restrito para proteger a confidencialidade das pessoas colaboradoras.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Resolução 21/2024 do Vice-Reitorado de Internacionalização e Cooperação da Universidad de La laguna, pela qual se resolveu o edital de auxílios para estudantes de graduação e mestrado oficial destinados à realização de práticas internacionais de cooperação universitária ao desenvolvimento em países extracomunitários durante o ano de 2024.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Conceptualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, recursos, validação, visualização, redação do rascunho original, revisão e edição: Jhon Alfredo Pazmiño Huapaya.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar.

DECLARAÇÃO SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O trabalho de campo, a produção do corpus, a contextualização empírica e as decisões analíticas foram realizadas pelo autor. Ferramentas de inteligência artificial foram utilizadas como apoio na transcrição inicial (TurboScribe.ai), na organização do material e na revisão de consistência (Claude Sonnet 5). As transcrições foram revisadas e contextualizadas manualmente, e todas as decisões finais de análise e redação foram tomadas pelo autor.

MINIBIOGRAFIAS DO AUTOR DO PAPER

Alfredo Pazmiño Huapaya é antropólogo, mestre e doutorando em Desenvolvimento Regional pela Universidad de La Laguna (Canárias, Espanha). Com a tese “Colonofocalidade e desenvolvimento regional no Atlântico Afro-Lusófono: língua, poder colonial e espaços anacrocoloniais”

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.